

IMAGENS DA MELANCOLIA NA ARTE DO IMPRESSIONISMO À ATUALIDADE

DOI: 10.33871/sensorium.2024.11.9247

Teresa Lousa¹
José Mikosz²

A solidão “não é nada que se possa escolher ou abandonar. Somos solitários. (...) Como para aquele homem no pico da montanha, surgem então imaginações inabituais e sensações estranhas, que parecem ultrapassar a medida do que se pode suportar”
(RILKE, 2006, p.76).

Resumo: Este artigo reflete sobre o papel persistente da melancolia na Arte. Parte de uma história geral do conceito de melancolia, elencando exemplos de obras de artistas dentro do período simbolista e impressionista até às contemporâneas que trazem situações emblemáticas que podemos associar à melancolia. Através de um recorte, que visa recuperar imagens em que a iconografia típica do melancólico em que este é representado com a mão debaixo do queixo, os autores usaram uma metodologia qualitativa semiótica na análise iconográfica delas. Esperando por contribuir com as reflexões e abordagens atuais sobre o tema, este pequeno artigo reposiciona a melancolia no mapa das artes e da cultura.

Palavras-chave: genialidade, iconografia melancólica, impressionismo, arte contemporânea.

IMAGES OF MELANCHOLY IN THE ART FROM IMPRESSIONISM TO THE PRESENT

Abstract: This article reflects on the persistent role of Melancholy in Art. It starts from a general history of the concept of melancholy, listing examples of works by artists from the Symbolist and Impressionist periods to contemporary ones that bring emblematic situations that we can associate with Melancholy. Through a cut, which aims to recover images in which the typical iconography of the melancholic person is represented with his hand under his chin, the authors used a qualitative semiotic methodology in their iconographic analysis. Hoping to contribute to current reflections and approaches on the topic, this short article repositions Melancholia on the map of arts and culture.

¹ Bacharel em Filosofia. Mestre em Teorias da Arte. Doutora em Ciências da Arte e do Patrimônio. Investigadora integrada, Universidade NOVA de Lisboa. Investigadora e Professora Auxiliar da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Portugal. teresa.lousa@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-6574-690>

² Artista transmídia. Doutor Interdisciplinar em Ciências Humanas. Professor associado da Universidade Estadual do Paraná. Investigador do CHAM – FCSH da Universidade NOVA de Lisboa e do CIEBA da Faculdade de Belas Artes Universidade de Lisboa. antar.mikosz@unespar.edu.br. <https://orcid.org/0000-0002-5314-0758>. <https://lattes.cnpq.br/8805958526800693>

Keywords: genius, melancholic iconography, impressionism, contemporary art.

IMÁGENES DE MELANCOLIA EN EL ARTE DESDE EL IMPRESIONISMO HASTA LA ACTUALIDAD

Resumen: Este artículo reflexiona sobre el papel persistente de la Melancolía en el Arte. Se parte de una historia general del concepto de melancolía, enumerando ejemplos de obras de artistas desde los períodos simbolista e impresionista hasta los contemporáneos que traen situaciones emblemáticas que podemos asociar a la melancolía. A través de un corte, que pretende recuperar imágenes en las que se representa la iconografía típica del personaje melancólico con la mano bajo la barbilla, los autores utilizaron una metodología semiótica cualitativa en su análisis iconográfico. Con la esperanza de contribuir a las reflexiones y enfoques actuales sobre el tema, este breve artículo reposiciona Melancolía en el mapa de las artes y la cultura.

Palabras clave: genio, iconografía melancólica, impresionismo, arte contemporáneo.

Introdução

Este artigo tem como ponto de partida uma comunicação apresentada no Seminário “Modos da Melancolia” organizado pelo CHAM-FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, a 17 de novembro de 2022³, onde, de um modo descontraído e oralizante se reflectiu sobre o papel da melancolia na arte. Partindo de uma história geral do conceito de melancolia desde a antiguidade, debruçamos-nos de seguida em obras de arte emblemáticas deste conceito, no período que vai do Impressionismo à actualidade. Neste artigo, quisemos manter as características da apresentação com um estilo um pouco mais livre, próprio da oralidade. Assim os artistas foram escolhidos dentro de uma narrativa algo subjectiva, indo ao encontro de uma selecção de imagens que os autores têm trabalhado em várias pesquisas tendo como denominador comum a iconografia melancólica que persiste nessas imagens.

1. A melancolia na linha do tempo

A melancolia tem acompanhado a história do Ocidente e por isso tem sido vista à luz de diferentes cambiantes, que a conduziram por um percurso sinuoso no qual tem oscilado entre doença mental, furor criativo e inclinação saturnina, sem que, no entanto, uma única definição se tenha fixado de forma estanque. Trata-se de uma realidade complexa, que percorre os séculos da história e da cultura, em múltiplas definições, modos e complexas variações, às vezes hiperbolizada outras vezes desvalorizada, facto é que a melancolia esteve sempre ligada aos mecanismos da criação e continua a estar.

Aristóteles relacionou melancolia e genialidade no célebre Problema XXX e é responsável por um novo olhar para este conceito ao desassociar a melancolia da esfera patológica.

³ Mais informações em: <https://cham.fcsh.unl.pt/actividades-detalle.php?p=1534>

Por que todos aqueles que se destacaram na filosofia, na política, na poesia ou nas artes eram manifestamente melancólicos, e alguns a ponto de sofrer ataques causados pela bile negra [...]? (ARISTÓTELES citado em KLYBANSKY et al, 2006, p. 42. Tradução nossa)

Para ele o melancólico não é necessariamente doente da bilis negra, também pode existir uma “saúde do melancólico” e, sobretudo, a melancolia é a marca da genialidade: “Com Aristóteles, a melancolia, equilibrada pelo gênio, é coextensiva à inquietação do homem no Ser” (KRISTEVA, 1989, p. 14).

Essa tese não teve qualquer impacto na Idade Média, tempo longo em que devido ao grande poder da Igreja, uma pessoa não era considerada pelo seu talento ou capacidade intelectual ou criativa, mas com suas virtudes cristãs que praticava em direção à redenção. O catolicismo medieval fez da tristeza um pecado ao qual chamava Acédia e nesse período “ter um coração morno” significava ter perdido Deus (KRISTEVA, 1989, p. 87). Contudo, a Idade Média não desprezou este conceito. Pela influência árabe reavivará o interesse cosmológico por Saturno, planeta do espírito e do pensamento. A influência astral de Saturno governa o humor melancólico.

No Renascimento a dualidade em torno do entendimento da melancolia prossegue, unindo as teorias do saturnismo à da genialidade de Aristóteles.

Só o humanismo do Renascimento italiano pôde reconhecer em Saturno e no melancólico aquela polaridade que de facto estava implícita desde o início, mas que só a brilhante intuição de “Aristóteles”, [...], tinha realmente visto. (KLYBANSKY et al, 2006, p. 24. Tradução nossa)

Em *De Vita Triplici*, Ficino (FLORENÇA, 1489) já apresenta a consolidação da conexão entre a doutrina humoral e a astrologia, relacionando o humor melancólico com Saturno. Trata-se da obra de destaque deste período, traz como tema central o engrandecimento da alma do melancólico, ele reúne em sua obra o pensamento das quatro tradições anteriores, culminando no reaparecimento da tese aristotélica da relação entre o gênio e a loucura (PERES, 1996, p. 23).

Foram os humanistas do Renascimento que percebendo muito cedo o verdadeiro significado da distinção entre melancolia natural e patológica, passaram a aplicá-la independentemente de sua divergência em relação à já vulgarizada doutrina das compleições dos humores. Os contributos de Aristóteles e de Marsílio Ficino terão sido talvez as fontes mais relevantes na tentativa de fixar uma teoria que associa artista ou intelecto criativo a “gênio” na modernidade.

As contradições da contrarreforma e a espiritualização do barroco farão com que este conceito ganhe novos desdobramentos: “O barroco será herdeiro deste estado d’alma melancólico: a melancolia domina o espírito do tempo, tempo de auto-absorção, ensimesmamento, penetração em um abismo sem fundo” (PERES, 1996, p. 24).

Foi-se dando uma transição para explicações mais científicas sobre a melancolia. No século XVII, a obra "*The Anatomy of Melancholy*" de Robert Burton juntou abordagens médicas a elementos filosóficos, analisando a melancolia como uma condição que transcende o simples desequilíbrio dos humores, abarcando também aspectos psicológicos e sociais.

Se até ao século XVII o tema da melancolia esteve ainda compreendido à luz da teoria dos quatro humores, a partir daqui a discussão vai acontecer na dualidade da transmissão das qualidades do corpo para a alma e na análise deste conflito, até se chegar ao século XIX e o surgimento da Psicanálise. Simultaneamente no mundo das artes, o Romantismo idealizou a melancolia como uma expressão da sensibilidade artística.

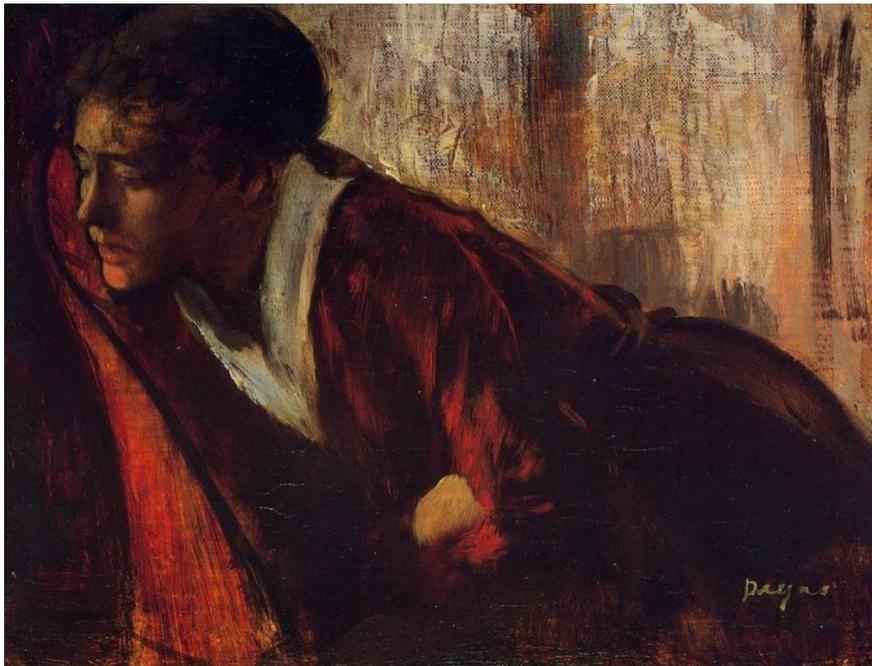
Freud, primeiro nas suas correspondências e depois em “Luto e Melancolia” abre caminhos para uma nova perspectiva conceptual, ao direccionar a questão da melancolia para a relação da constituição humana frente a um objeto que falta. A melancolia aconteceria como uma reação humana diante de suas perdas reais ou simbólicas, objetivos ou imaginárias.

Neste caminho sinuoso e complexo do conceito omnipresente da melancolia podemos pensar que entre o contributo aristotélico ao associar melancolia e genialidade, e a tese de Freud permeável à elaboração da dor e melancolia através da sublimação, a relação entre a arte e a melancolia estava traçada com linhas persistentes e bem vincadas. Podemos questionar com Lambotte:

Mas encontramos-nos agora diante deste enigma: haveria várias melancolias para que uns a sofram e outros a fecundem? Poderíamos falar de uma sublimação da *melancolia*? E, se o admitirmos, poderíamos falar de produções propriamente melancólicas? (LAMBOTTE, 2000, p. 57)

2. A sombra da Melancolia no Impressionismo

Se o Romantismo do século XIX fomentou uma intensa ligação entre a melancolia e a criação artística, o Impressionismo e o pós-impressionismo foram exímios na concepção de uma série de representações emblemáticas do conceito de Melancolia, ao mesmo tempo que viu surgir pintores cuja obra artística refletia com evidência os traços melancólicos do seu carácter.

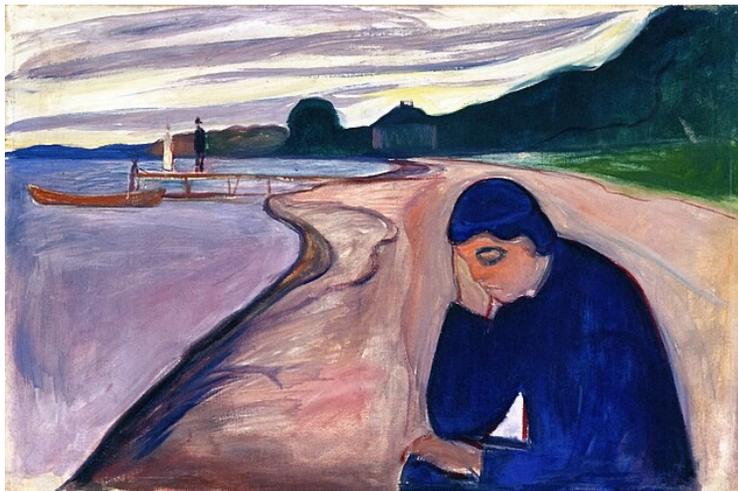


Edgar Degas: *Melancolia*, 1874. Óleo sobre tela, 19.05 x 24.765 cm. Phillips Collection, United States. (Fonte: <https://pt.wahooart.com/@/8EWF9G-Edgar-Degas-Melancolia>).

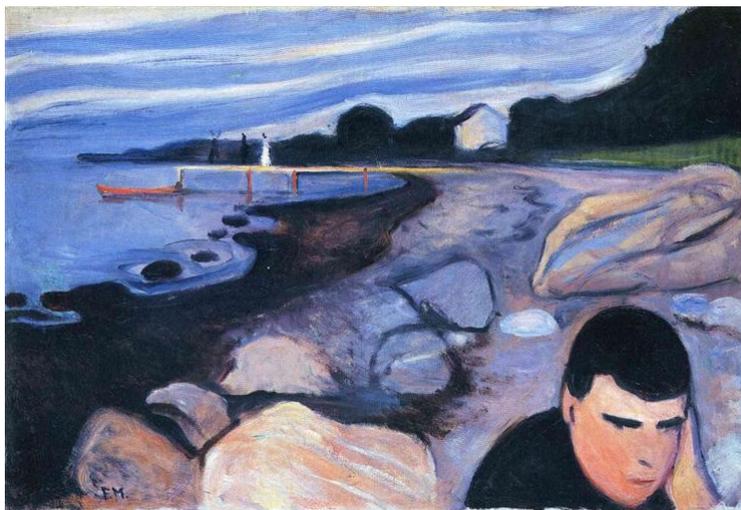
A pintura de Degas, sem dúvida melancólica, ou não fosse o seu título também esclarecedor, é uma imagem bem emblemática da melancolia. Uma tela muito pequena, tem a dimensão de uma folha de papel, todavia contém uma expressividade que transcende o sujeito, o gênero, o tempo e o espaço, atinge o centro do conceito de melancolia, como algo que parece ser realmente inerente à natureza humana. A

figura feminina representada exibe um sofrimento palpável: demonstra uma dor física (ela parece agarrar-se à barriga como se esta doesse) e, ao mesmo tempo, revela uma expressão entre a melancolia e o desespero. A figura tem bastante definição, já o fundo parece mais tosco e inacabado. O impressionismo está bem patente na misteriosa iluminação da pintura: uma luz algo contraditória, uma melancolia negra com certa nota de esperança na claridade do fundo.

Na década de 1890, Munch produziu as obras consideradas mais significativas e populares de toda a sua carreira. Todas evocam uma melancolia poética, profunda, baseada em temas como: a infância, o isolamento, a morte, o luto e a perda da inocência. Algumas pinturas dedicadas à melancolia representam um homem olhando o mar sentado em uma praia no meio de pedras. A obra de Munch representa um sujeito na pose clássica da melancolia, ele apoia a mão direita no queixo como quem está perdido nos seus pensamentos, ostenta um olhar vazio, para nada em particular. As telas fazem parte de uma série de pinturas feitas com tons escuros e com o mesmo protagonista angustiado. Algumas fontes dizem que o homem representado é Jappe Nilssen, um amigo próximo de Munch, que passava por um período infeliz na sua vida amorosa. Todavia, o carácter autobiográfico deste ciclo de pinturas é inegável, tal personagem pode ser a própria projeção de Munch. A paisagem é a de Åsgårdstrand, litoral da Noruega (TEMPLETON, 2000, p. 447).

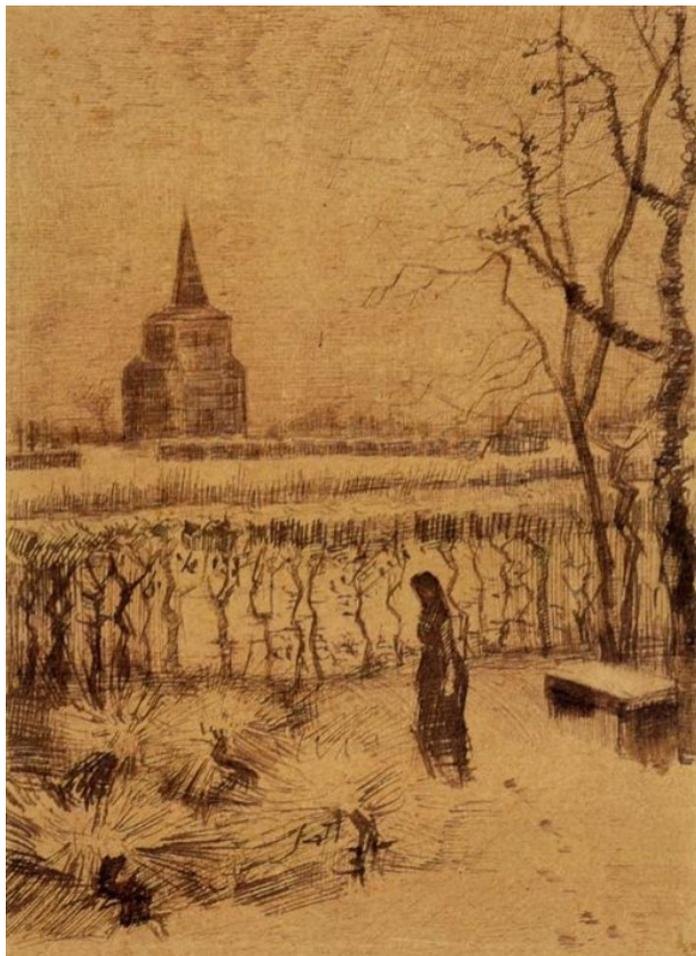


Edvard Munch: *Melancholia*, 1894. Óleo sobre tela, 81 x 101 cm. National Gallery, Oslo, Norway.



Edvard Munch: *Melancholia*, 1892. Óleo sobre tela, 64 x 96 cm. National Gallery, Oslo, Norway.

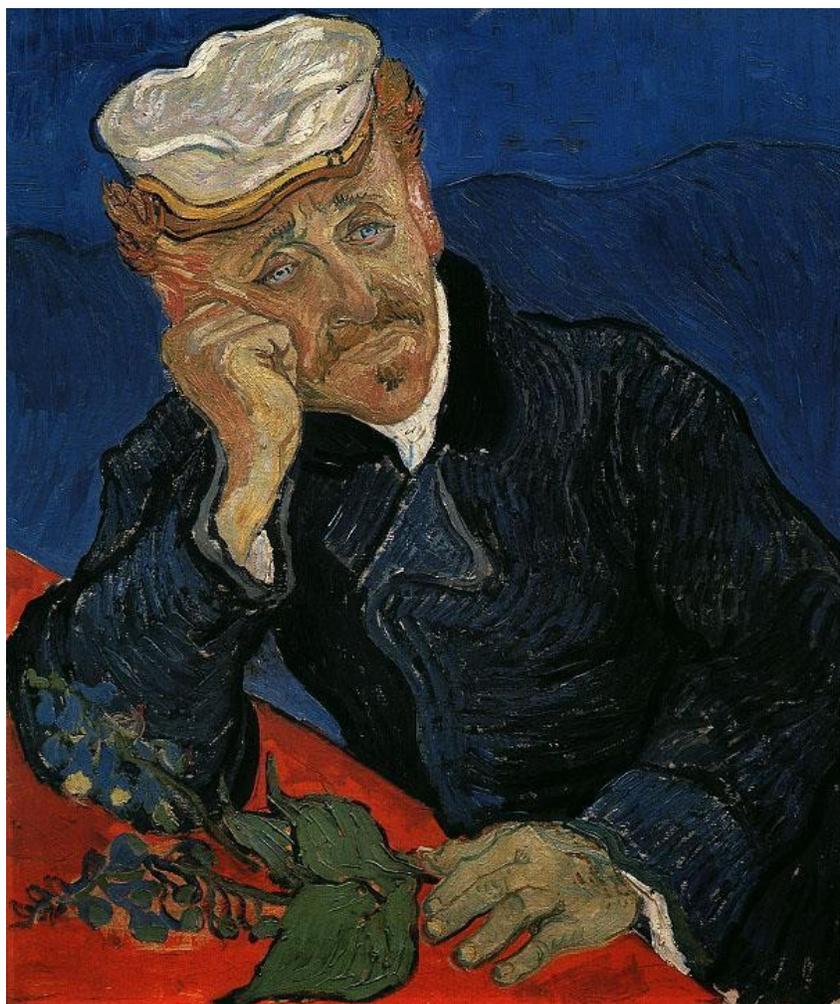
Vincent van Gogh, um dos mais influentes pintores pós-impressionistas, não sendo um pintor da melancolia, traz-nos algumas imagens muito representativas da natureza deste conceito. Para além do seu trabalho parecer ser impulsionado por uma intensa melancolia de carácter, o próprio tema da melancolia também foi alvo da sua representação como se pode ver na seguinte imagem, um desenho solitário feito a lápis, mais se parece com um esboço rápido que capta o sentimento humano em harmonia com a natureza numa paisagem solitária, melancólica, desabrida.



Van Gogh: *Melancolia*, 1883. Lápis, bico-de-pena e nanquim sobre papel, 28.6 cm x 20.6 cm.

Fonte: <https://pt.wahooart.com/@/8XZ5YY-Vincent-Van-Gogh-Melancolia>

Apesar da existência deste desenho e de outras evidências que o pintor deixa, tanto na sua obra como na sua correspondência, Van Gogh não estabeleceu um vínculo explícito entre a sua obra e a melancolia. Nas suas obras os temas da tristeza, dor e desespero surgem, mas não tanto aquelas iconografias clássicas relacionadas com a melancolia de modo explícito. Essa representação emblemática ficará plasmada sobretudo naquele rosto apoiado na mão com o ar melancólico e desinteressado do famoso retrato do Doutor Gachet. Curioso é também o carácter autobiográfico deste retrato, pois as semelhanças com o próprio pintor são inegáveis.



Vincent Van Gogh: Dr. Gachet, 1890. Óleo sobre tela, 67 x 56 cm. Coleção Particular.
(Fonte: Wikimedia Commons)

Melancolia, tristeza e resignação, que se podem ler no rosto de Gachet “com a expressão desesperada do nosso tempo” penetram e determinam todo o quadro. Todas as linhas e cores condizem com esta disposição melancólica e formam uma unidade original. As linhas seguem principalmente a inclinação sorumbática da figura que atrai a disposição sensível e desencorajada deste homem. (WALTHER, 2012, p. 82)

No caso deste pintor excepcional, apesar de encontrarmos retratos melancólicos na sua obra, seria forçado considerar Van Gogh um pintor da Melancolia. As suas imagens melancólicas constituem uma exceção numa economia gigantesca de paisagens e representações da natureza fulgurante e colorida. Assim podemos afirmar com Lenharo:

A atividade artística parece exercer um duplo impacto no estado mental de Van Gogh: se, por um lado, ele a vê como forma de cura e de redenção, por outro, ela aparece como o motivo pelo qual sua saúde se deteriorou. Esta última hipótese é especialmente corroborada por uma frase do bilhete encontrado no bolso de Vincent na ocasião de sua morte: “Pois bem, no meu trabalho arrisco minha vida e nele metade de minha razão naufragou”. (LENHARO, 2014, p. 117)

3. Samuel Bak

Nasceu a 12 de agosto de 1933 em Vilna, Polónia (atualmente Vilnius, Lituânia). De 1939 a 1940 a cidade de Vilna encontra-se sob ocupação russa e depois alemã. Os seus avós e outros parentes são assassinados na floresta de Ponary. Aos nove anos o seu talento artístico é reconhecido pela primeira vez durante uma exposição do seu trabalho no gueto de Vilna. De 1943 até o final da guerra, Samuel e sua mãe foram os únicos membros de sua extensa família a sobreviver ao Holocausto. Em julho de 1944, seu pai, Jonas, foi baleado pelos alemães, poucos dias antes da própria libertação de Samuel. O artista descreveu a situação: “quando em 1944 os soviéticos nos libertaram, éramos dois entre duzentos sobreviventes de Vilna, uma comunidade que anteriormente contava com 70 ou 80 mil habitantes”. De 1946 a 1948 Bak se inscreveu em aulas de pintura na Escola Blocherer em Munique. Estudou pintura de cenários de palco em Inglaterra e França com uma bolsa de estudo do Instituto Internacional de Teatro entre 1956 e 1959. Em 1993 instala-se em Boston, Massachusetts e é representado pela *Pucker Gallery*. É apenas em 2001 que Bak regressa à Vilna pela primeira vez. Durante os anos seguintes, ele visita frequentemente a sua cidade natal.

Samuel Bak possui uma grande produção de pinturas baseadas na famosa gravura *Melencolia I* do artista alemão Albrecht Dürer, expressando assim o carácter obsessivamente melancólico de sua expressão artística. As pinturas de Bak possuem variações de elementos simbólicos encontradas na famosa gravura de Dürer, buscando incluir símbolos e objetos autobiográficos de sua própria memória. A figura solitária parece tecer lembranças já desgastadas pelo tempo, da infância, as ruínas, as paredes destruídas, objetos corrompidos como que feridos, representando memórias traumáticas do seu pesar e de sua dor: “Certamente não faço ilustrações de coisas que aconteceram. Faço isso de uma forma simbólica, de uma forma que só dá a sensação de um mundo que foi destruído” (FACING, HISTORY & OURSELVES, 2024. Tradução nossa).



Albrecht Dürer: *Melencolia I*, 1514. Gravura, 31 x 25 cm. Kupferstichkabinett Berlin, Germany.



Melancholia, 1980.



Melancholia com natureza morta, 1984.



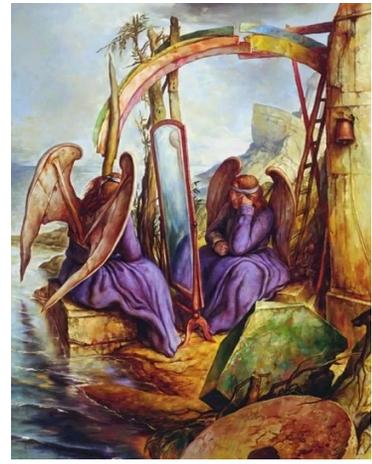
Angel-Melancholia, 1995.



Elegy III, 1997.



Pactos, 2007.



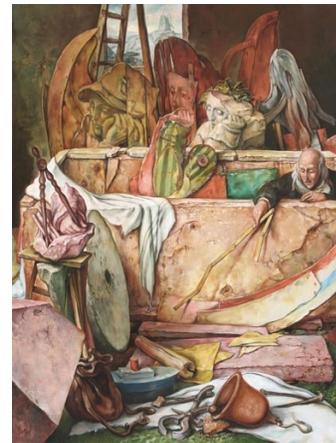
Refletindo, 1999.



Testemunhos, 2006.



Embarque no Saint Louis, 2006.



Como lembrar, 2006.



Guardião dos Avisos Suspensos, 2006.



Seis asas para um, 2006.



Medida do tempo, 2006.



Duas vistas, 2007.



À esquerda e à direita, 2007.

4. Zdzisław Beksiński

Como artista, Beksiński era fascinado pela morte, decadência e escuridão. Nascido em 1929, seu período de infância se enquadra nos tempos sombrios e cruéis da Segunda Guerra Mundial, o que pode ter gerado sentimentos de pesar como a ausência do sacro e propícios ao desenvolvimento de um caráter melancólico:

A melancolia de Beksinski é, antes de tudo, uma experiência da realidade vivida. Seu domínio não é, como parece ser, o mundo pré-apresentado, mas o conceito fenomenológico de experiência, que é uma maneira de experimentar o mundo que está sendo explorado - a realidade após a perda. (SZCZYREK, 2019. p.693)

As pinturas de Beksiński não têm título. Assim como para Samuel Bak, a Guerra deve ter colaborado no temperamento melancólico do artista, além de eventos desafortunados que ocorreram em sua vida no futuro. Do final da década de 1960 até meados da década de 1980 os temas predominantes nessas obras oníricas são paisagens infernais retratando figuras de pesadelo perturbadoras e arquitetura sobrenatural sombria. A série de infortúnios que se abateu sobre Beksiński e sua família fez com que a história de seus últimos anos se tornasse muito conhecida. Em 1998, sua esposa morreu de câncer. Um ano depois,

Tomasz, um estimado tradutor e jornalista de música popular, suicidou-se. Seus trabalhos influenciaram muitos músicos de rock e inspirou a criação do videogame *Tormentum*. O notável cineasta mexicano Guillermo del Toro, que dirigiu o filme vencedor do Oscar “O Labirinto do Fauno”, é um conhecido admirador das obras de Beksinski. Um filme polonês sobre a vida da família depois de 1977, “*The Last Family*”, foi lançado em 2016 com muitos elogios. Em 21 de fevereiro de 2005, Beksinski foi encontrado morto, assassinado a facadas em seu apartamento em Varsóvia.

Como exemplo, destacamos a pintura adiante, imagem enigmática onde podemos notar a pose típica das representações da melancolia, as mãos segurando o queixo (neste caso pela imagem da criança em relação à mãe remete para uma infância sofrida). A venda sobre os olhos, a coloração entre azul e tons de pele acinzentados e esmaecidos, passam a sensação de desolo e perda.



Beksiński: *Sem título*, 1978. Óleo sobre tela, 87 x 78 cm (?).
(Fonte: <https://www.wikiart.org/en/zdzislaw-beksinski/untitled-491>)

5. Atualidade

Como vimos, desde que Ficino recupera o sentido de genialidade associado à Melancolia que Aristóteles havia difundido, que o artista melancólico ascende a um patamar elevado, ganha uma certa ‘aura’, distingue-se do comum dos mortais. Da modernidade em diante esse traço de carácter estará ligado ao carácter “estranho” do artista, tanto àqueles que deambulam sozinhos anônimos entre a multidão, como àqueles que preferem escapar à agitação social presente nas cidades e buscam um refúgio no olhar contemplativo para a natureza. No mundo contemporâneo, das Vanguardas artísticas entre e pós-guerras, até à actualidade, a marca da melancolia tem estado omnipresente na produção artística, seja como uma consequência geral dos tempos, seja como marca desse carácter excepcional ou ainda nessa meta-reflexão em que a melancolia se vira para si própria numa elaboração sem fim do conceito.

Sentado no chão, de cabeça apoiada na mão, com um olhar penetrante, surge uma gigante figura humana. Trata-se de mais uma imagem da melancolia que queremos trazer à colação: uma escultura hiper-realista de 2,05 m, concebida pelo artista australiano Ron Mueck. Ron utiliza resina, fibra de vidro, silicone, argila, pelos etc. *Big Man* olha-nos como o “elefante no canto da sala”, a melancolia que tantas vezes tentamos ignorar, pois a vida numa sociedade de consumo, espera proatividade, soluções rápidas e pensamentos positivos. Através da escolha da dimensão exagerada e da nudez, Mueck remete claramente para o desconforto existencial que a todos toca, causando assim um misto de repulsa e empatia. Assim, *Big Man* posicionado na tão conhecida posição melancólica: “remete à imensa solidão do ser humano. Ou melhor, sua inadequação ao mundo” (FERRAZ, 2003).



Ron Mueck: *Big Man*, 2000. Fibra de vidro, silicone, argila, pelos etc., 2,05 m.
(fonte: <https://freeofformthought.com.wordpress.com/2020/08/21/psychological-realism-in-the-work-of-ron-mueck-a-study-of-untitled-big-man-2/>)

Destacamos algumas imagens atuais da melancolia que despertaram o nosso interesse. O filme “Melancolia”, dirigido por Lars von Trier em 2011, é uma obra cinematográfica de grande brilhantismo que se adensa através do conceito de melancolia, fazendo uma justaposição entre uma história pessoal e uma história de carácter cósmico apocalíptico. Desde o começo o filme é grandioso e cheio de referências artísticas, com apontamentos de Wagner na banda sonora e na fotografia, paisagens sobrenaturais que denotam uma estética romântica. Lars von Trier faz uma série de visitas artísticas e citações visuais, os “Caçadores” de Brughel, a “Ofélia” de Millais (numa intertextualidade curiosa onde evocações do carácter da Ofélia Shakespeariana podem surgir) contribuem para transportar os espectadores por entre um ambiente onírico e uma atmosfera assustadora.



Fotograma do filme Melancholia (2011).
(fonte: <http://melancholiathemovie.com>).

Num mundo apocalíptico, a melancolia, feita astro vinda a alta velocidade contra a Terra, é a marca da finitude garantida que o humano traz na consciência.

“Melancholia” é um filme intenso, narra o fim do mundo e como duas irmãs, Justine e Claire, reagem a ele. Em uma entrevista divulgada pela “Califórnia Filmes”, o diretor Lars Von Trier, revela que a história do filme não é o foco. Desde o início já se sabe o que vai acontecer, o planeta Melancholia vai colidir com a terra; mas existe um interesse em saber como vai acontecer, como os personagens vão reagir, como isso vai influenciá-los. (LABIARTE, 2021)

A última imagem da melancolia que trazemos é de grande atualidade. Trata-se de uma pintura de Banksy, o artista anônimo, que esteve em Gaza com o propósito de chamar a atenção internacional para o drama humano na Síria, quase 10 anos antes da situação dramática que se vive presentemente. A primeira pintura que realizou foi uma emblemática melancolia: uma figura grega chorosa com semelhanças ao Pensador de Rodin. Nas palavras de Katerina Papatheanasiou (2015) “Banksy reposiciona o popular mito grego antigo de ‘Niobe’ no novo cenário espaço-temporal de Gaza.”



Banksy: “Bomb Damage” Niobe, 2015, Gaza.
(Fonte: <https://www.widewalls.ch/murals/banksy-niobe-gaza-2015>).

Trata-se de um mural pintado sobre uma porta de metal, que já não existe. Aqui Banksy representou a deusa grega Níobe, acorada sobre os escombros, chorando os seus muitos filhos mortos, não na Grécia Antiga, mas sim no que resta de uma casa de dois andares pertencente a uma família de Gaza, agora toda destruída.

Conclusão

As diversas imagens da melancolia concebidas por tantos artistas de diferentes períodos, em particular revisitadas do Impressionismo à Atualidade, percorridas nesta narrativa, corroboram o sentido sempre dinâmico e atual deste conceito que persiste no tempo e cuja iconografia artística se vai reinventando apesar do denominador comum: a pose do melancólico. Uma pose que estará para sempre de modo indubidável e persistente associada ao intelectual, ao pensador, ao gênio, ao solitário, mas acima de tudo ao criador e por isso ao artista, que na melancolia se revê e reconhece o seu próprio autorretrato.

Bibliografia

- FACING, HISTORY & OURSELVES. Samuel Bak *Illuminations*. Acesso em 15/05/2024. <https://www.facinghistory.org/resource-library/samuel-baks-illuminations-audio-tour>. Boston, 2024.
- FERRAZ, Iñez. *Melancolia em Ron Mueck*. http://www.ignezferraz.com.br/mainportfolio4.asp?pagina=Dicas&cod_item=968, 2003. (acedido em 20/05/2024)
- KLYBANSKY, R., PANOFKY, E. & SAXL, F. *Saturno y la Melancolía*, Versión Española de Maria Luisa Balseiro, Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- KRISTEVA, Julia. *Sol negro: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LABIARTE. *Melancolia: um Experimento Impressionista*. Disponível em: <https://labiar.te.medium.com/melancolia-um-experimento-impressionista-f4a7e3caddeb>, 2021. (acedido em 20 de março de 2024)
- LAMBOTTE, Marie Claude. O discurso melancólico da fenomenologia à metapsicologia. Ed. Cia de Freud, 1997.
- LAMBOTTE, Marie-Claude. Estética da Melancolia. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 2000.
- LENHARO, Mariana Pereira, Van Gogh e a melancolia: Pinturas de pôr do sol em Arles, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Tese de Mestrado, 2014.
- PAPATHANASIOU, Katerina. *Graffiti Art From Greek Myth 'Niobe' in Gaza*, <https://greekreporter.com/2015/02/27/graffiti-art-from-greek-myth-niobe-in-gaza/>, 2015. (acedido em 20 de maio de 2024)
- PERES, Urania Tourinho. Dúvida Melancólica, Dívida Melancólica, Vida Melancólica. In: *Melancolia*. São Paulo: Ed. Escuta, 1996.
- KLYBANSKY, Raymond. Erwin Panofsky, Fritz Saxl, *Saturno y la Melancolía*, Versión Española de Maria Luisa Balseiro, Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 2006.
- SZCZYREK, Paweł. *Zdzisław Beksiński i ponowoczesna melancholia*. Zarys interpretacyjny (*Na końcu ogrodu, Centrala snów, Informator*). ROZPRAWY I ARTYKUŁY TEMATY I KONTEKSTY: NR 9 (14) /2019.
- TEMPLETON, J. (2000). The Munch-Ibsen Connection: Exposing A Critical Myth. *Scandinavian Studies*, 72(4), 445–462, 2000). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40920257>. (acedido em 15/03/2023).
- WALTHER, Ingo F. *Vincent van Gogh, 1853 - 1890: Visão e Realidade*. Köln: Taschen, 2012.